

## Culturas e Imagens

Kaio Rodrigues

Michael Costa

### “Já está feito, já pegou fogo, quer que faça o quê?”<sup>1</sup> – A formação museológica na tessitura de uma consciência crítica

Em setembro de 2018, o Museu Nacional ardeu em chamas. Expostos ao fogo, seus mais de 20 milhões de itens reacenderam as discussões a respeito da importância da conservação dos espaços de memória do país, historicamente sucateados pela administração pública.

Contrapondo-se àquilo que Bauman (2003) definiu como *modernidade líquida*, em que tudo é efêmero, os museus empenham-se em guardar o que resistiu ao tempo. Mais do que isso, são suas atividades de pesquisa, ensino e extensão as responsáveis por dividir com a sociedade um conhecimento ilimitado, um relato eterno da curta passagem dos seres humanos pela Terra.

Sim, os museus protegem o passado, mas esta é uma definição simplória diante de sua relevância na busca pela construção de uma consciência histórica. E se, para Manuel Castells (1999), a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pelas ciências humanas, pela memória coletiva e pelas fantasias pessoais, é em espaços como museus que “todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades” (p. 23).

Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1988), “o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia”. Isso muito se relaciona com a teoria da construção rizomática de Deleuze e Guattari (2004), que propõe,

---

<sup>1</sup> Frase proferida, em coletiva de imprensa, pelo então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, na noite em que o Museu Nacional pegou fogo. Portal G1, 04 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/04/ja-esta-feito-ja-pegou-fogo-quer-que-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-incendio-no-museu-nacional.ghtml>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

contra normas rígidas e pré-fixadas, a noção de novas leituras e significações. Um museu sugere, dessa forma, novas e diferenciadas relações com a sociedade, contribuindo para a formação do ser humano e o exercício da cidadania, através das mediações entre o acervo exposto e o público.

A relevância museológica ainda vai além. Em tempos de ascensão de líderes conservadores e de discursos de ódio, são os museus peças fundamentais no combate à intolerância. Eles podem ser considerados freirianos, visto que compreendem o ensinar como um ato de “criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1987). Nos museus, os mais variados temas se encontram, proporcionando a possibilidade para que o sujeito construa outros conhecimentos, novas leituras de mundo. Vem daí, mas não apenas, a importância de visitá-los, de preservá-los, de protegê-los das chamas do tempo e do descaso. São centro de culturas – as mais diversas delas expostas em suas coleções. Daí a importância da parceria escola e museu em visitas guiadas. Nelas, não só se pode formar público, como criar novas redes educativas...

Se, antes, sua função era exclusivamente de salvaguardar marcas da passagem das eras, hoje os museus possuem função política; são fatos sociais. Tão imagéticos, tão simbólicos, estimulam a curiosidade, o debate e a reflexão. Trata-se, antes de tudo, da busca pelo sentido de ser humano; do reencontro do com o belo, a história e a memória. Quando um museu queima, queimam com ele um pouco de seu povo e da sociedade em que está inserido.

### **Sobre o autor:**

**Kaio Rodrigues é graduando em Letras: Português/Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), onde estuda revisionismos críticos da cultura, com ênfase no Ecofeminismo e na Interseccionalidade.**

**Michael Costa é graduando em Letras: Português/Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), onde estuda sociolinguística, com ênfase na Teoria da Variação e Mudança.**

**REFERÊNCIAS:**

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

CASTELLS, M. A construção da identidade. In O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1. Editora 34, 1ª Ed. (1995)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOPES, M. M. O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: Os Museus e as Ciências Naturais no Século XIX. . 2a Ed. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB; 2009.

MACHADO, Arlindo. O quarto iconoclasmo. In MACHADO, Arlindo. O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges. Rio de Janeiro: Contracapa e Rios Ambiciosos, s/d: 06 – 32.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 1988. O Social e o Político na Transição Pós-Moderna, in Miranda, José Bragança de, Rodrigues, Adriano Duarte, orgs., Revista Comunicação e Linguagens, 6/7. Moderno/Pós-moderno, Lisboa, Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa.